

Pele pintada e esculpida: conventos franciscanos históricos do Brasil em investigações ecocríticas e pluriétnicas

Maria Angélica da Silva¹

 0000-0002-2756-7627

Alvaci Mendes da Luz²

 0000-0002-8929-1240

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.5005

Resumo

A crítica decolonial aposta em uma reescrita geral da História da qual não se isenta a História da Arte. Em uma leitura a contrapelo, objetiva-se analisar manifestações artísticas geradas no contexto nos primeiros séculos do processo expansionista português vinculadas a conventos históricos franciscanos. Embora tais obras possam ser interpretadas como simples expressão da dominação da cultura europeia, pretende-se apontar aspectos que traduzem a convivalidade entre culturas diversas.

Palavras-chave: Conventos franciscanos. Franciscanismo. Arquitetura Religiosa. Diversidade cultural. Arte sacra franciscana.

¹ Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: mas.ufal@gmail.com

² Doutorando em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (bolsa CAPES). E-mail: alvaci.luz@usf.edu.br

A casa do frade na colônia portuguesa na América

Os mais significativos centros urbanos estabelecidos no período colonial no Brasil contaram com a presença de ao menos uma casa de mendicantes, ou seja, ordens religiosas fundadas na Idade Média que tinham como base de subsistência as esmolas doadas pelos cidadãos, cujos mais conhecidos no Brasil foram os franciscanos e os carmelitas. Nas Américas como um todo, destaca-se a presença franciscana que, no caso da colônia portuguesa na América, se estabeleceu de norte a sul, em geral, em localidades próximas ao litoral.

Diferente do contexto da Europa medieval, onde inicialmente os Franciscanos construíram seus conventos em áreas periféricas, no Brasil as casas seráficas surgem junto com os núcleos urbanos e são responsáveis por diversas funções cidadinas. Portanto, não há como desvincular convento e urbanização nos primeiros séculos coloniais. Devido a este fato, seus remanescentes estão hoje nas áreas centrais de cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Olinda, dentre muitas outras. Como todo o empreendimento colonial foi realizado sob as normas do Padroado, uniram-se, em um processo desigual e violento: portugueses, indígenas e escravizados africanos para realizar tal obra edificada.

A Ordem dos Frades Menores (popularmente conhecidos como franciscanos), fundada por Francisco de Bernardone, nasceu em Assis, cerca de trezentos anos antes do processo expansionista europeu. Marcada, dentre outros aspectos pelo despojamento dos bens materiais, o que incluía descartar a posse da própria casa, ou seja, os conventos, vários episódios narrados nas diversas biografias do santo de Assis fazem o elogio ao contato direto com a natureza, a vida nos “ermos” para contemplação e o despojamento dos bens materiais.

Falar com os pássaros, com o lobo e com a natureza de um modo geral são matizes de uma cosmovisão de Francisco em relação ao que é vivo. Ele se referia às criaturas como rosto do Criador, portanto, integradas, pensadas como parte do mundo. Não é possível falar sobre o franciscanismo nascente sem apontar a relação intrínseca do fundador com “a criação” e com “as criaturas”. Contudo, o sucesso da Ordem Franciscana acabou por demandar a construção de edificações específicas para abrigo dos frades, surgindo assim pequenos conventos, inicialmente muito modestos³.

³ Sobre as diversas formas espaciais adotadas pelos franciscanos, ver: SILVA, Maria Angélica. “*In via*”: Francisco, os franciscanos e seus lugares no mundo. *Antíteses*, Londrina, v. 13, n. 24, ago./dez. 2019, p. 797-817.

Os cronistas da época, já nos primeiros anos após a morte de Francisco, retratam em seus escritos que os Menores estavam abertos ao *adaptacio*, ou seja, a integrar-se às realidades dos locais em que se encontravam. Assim estar em *In via*, no caminho, sujeito às condições de acolhimento oferecidas, fizeram com que, ao surgirem, os conventos também pudessem ser casas diversas, a partir da oferta de mão de obra e materiais da região onde se inseriam. Contudo, uma certa normatização vai acontecendo com o tempo, a exemplo das Constituições Narbonenses, a primeira codificação de leis internas surgida após o documento da criação normativa da Ordem e que recebeu sucessivas redações⁴. As Constituições enfatizam a importância da simplicidade como premissa da arquitetura franciscana, além de determinar algumas normas para a edificação conventual, em especial acerca da igreja.

Nas suas caminhadas, os Menores chegam a Portugal ainda no tempo de Francisco em vida. Possivelmente o próprio santo atravessou as terras lusas na sua peregrinação rumo a Compostela, quando são edificadas as primeiras casas franciscanas portuguesas, bastante modestas.

Séculos depois, no contexto da expansão ultramarina, compartilhando as naus dos primeiros colonizadores, os frades chegaram à América. Um outro momento, diverso dos primórdios da fraternidade, já se vale de uma outra configuração, que divide a Ordem em grupos diversos mas que podem ser simplificados como de um lado aqueles mais moderados em relação a pobreza e aos estudos e de outro aqueles mais radicais e conservadores quanto às mesmas questões, ou seja, maior atenção à vida simples e pobre e menos ênfase nos estudos e posses conventuais. Estas divisões internas na Ordem Franciscana geram um grupo chamado “Da mais Estrita Observância”, ou seja, mais conservadores em relação a pobreza, simplicidade e desapego dos bens materiais. Foi este grupo que se espalhou por Portugal ao longo do século XVI e deu origem às Províncias Franciscanas no Brasil.

Os frades que chegam na colônia portuguesa na América são seguidores desta corrente rigorista, portanto defensores das ideias de um retorno “às origens”, ou seja, aquela radicalidade vivida por Francisco e seus primeiros seguidores na fraternidade, o que, aliás, volta e meia, no decorrer da história da Ordem, virá à tona em frequentes reformas internas.

Na colônia americana, teremos um quadro particular, onde europeus, povos ameríndios e inúmeras nações escravizadas vindas da África serão os agentes, assumindo papéis dispares,

⁴ LABRANAGA, Tomas. Las Constituciones Narbonenses y su incidencia en la historia y em la vida franciscanas. In: **Verdad y vida**. Madrid: Conferencia Hispano-Portuguesa de Ministros Provinciales, OFM, 1974, p. 567.

na construção dos primeiros aglomerados urbanos da costa litorânea. É neste contexto múltiplo que surgirão os 28 conventos históricos franciscanos, ao mesmo tempo em que os seus lugares urbanos iam se estruturando. Hoje em sua maioria, estes edifícios encontram-se tombados como patrimônio nacional nos centros de grandes cidades brasileiras.

Por mais que o “modelo franciscano” trazido ao Brasil no século XVI já seja de um movimento muito maior do que aquele iniciado em Assis séculos antes – os franciscanos já haviam se espalhado pelo mundo e ampliado o alcance de sua pregação – os frades de São Francisco mantinham constantemente como objeto de sua proposta de evangelização: a pobreza, a simplicidade, a integração com a natureza e com “o diferente”.

Este movimento de “integração”, contudo, não se furta às condições de seu tempo: e assim teremos escravizados a serviço dos frades e inúmeras contendas deles com os povos indígenas, seja no campo das indagações filosóficas, ou no sentido de expandir o processo de missionação a todo custo em busca da conversão daquelas almas.

Nos deparamos atualmente com estes conventos na condição de padecerem com a ausência de frades devido ao declínio das vocações religiosas, mas também da falta de fontes que esclareçam melhor como se dava a vida cotidiana nestes espaços. Fica, porém, a presença forte dos próprios edifícios conventuais, que por suas paredes, tetos, aberturas, decoração, áreas vegetadas, não deixam de apresentar uma narrativa silenciosa, mas incisiva desta história, que por sua vez foram se acumulando e alterando as edificações que chegaram aos nossos dias.

Neste contexto, inúmeras memórias se sobrepuseram, nem sempre pacificamente. Ocorreram nos conventos, ampliações, demolições, obliterações de espaços, reformas, arruinamentos, de forma que mais do que um palimpsesto, onde a acumulação se dá no superpor e entremear de superfícies, temos no caso da arquitetura, um movimento tridimensional muito mais complexo, que atua em termos de ambientes, de relações volumétricas que precisam atender ao compasso do tempo.

Então, frente ao que nos chega, temos também um rol de perguntas que nem sempre serão respondidas a contento. E é nessa leitura, observando em especial a pele deste corpo pétreo, que encaminharemos algumas análises que permitem perguntar acerca de como se deram possíveis variações culturais e pactos com o local onde estes conventos se inseriram.

Na condição também de colonizadores, estes frades estavam em sintonia com as demandas da Coroa e da Igreja Católica. Possivelmente aquela nova realidade versus os

princípios do carisma franciscano por vezes resultou em tensionamentos, mas que não chegavam a romper com as normativas vigentes. Contudo, há de se lembrar que se os franciscanos em particular, tinham um potencial em si de abraçar a diversidade, pois pensar o múltiplo, o diversificado, fazia parte daquele movimento desde suas origens, aqui também tiveram que exercer esta tal capacidade plástica.

No Novo Mundo, os frades tornaram-se construtores de povoados, vilas e cidades. Construtores no sentido de que o próprio convento já era em si o maior espaço, ou dos maiores, edificadas naqueles pequenos núcleos habitados. Poucas informações se têm acerca dos seus aspectos construtivos que não eram registrados profusamente nas crônicas, por exemplo, mas sabe-se da presença de frades letrados e capacitados para tarefas de teor arquitetônico. Sabe-se também que os conventos começavam modestos, em palha e taipa, mas iam se modificando até adotarem o formato em pedra e cal.

Mas hoje, no adentrar aos conventos, é possível perceber uma série de sinais, em especial ligados à escultura e a pintura, que nos revelam a presença multicultural nos espaços conventuais, mas também os sinais da natureza ao redor. Neste sentido, pretendemos mostrar que os conventos franciscanos coloniais brasileiros foram espaços privilegiados de manifestação da pluralidade étnica e ecológica na colônia lusa das Américas, sem ser possível exatamente explicar o significado e o contexto de todas estas manifestações sem um estudo bem mais prolongado.

Podemos começar a visita aos conventos observando-os de fora. Se partirmos por exemplo, dos adros, ou seja o espaço vazio através do qual o convento cria uma pausa em relação à ocupação citadina, temos nas ruínas do convento de Paraguaçu, situado no Recôncavo baiano, um caso de extrema relevância e exclusivo no que tange à temática tratada aqui, ou seja, a disposição do adro, pois o convento volta sua fachada principal para as águas do rio, que assim, prolongam o próprio espaço construtivo do adro concedendo-lhe grande impacto cênico. Assim, já se constata uma integração ao meio físico ao mesmo tempo em que se tira partido do mesmo para se ganhar em impacto estético.

Como o Recôncavo era uma região que se acessava majoritariamente pelas águas, a visão do cruzeiro – típico de todo convento franciscano e situado no adro - se anunciava ao longe, a partir de um tapete líquido. E quando a parte edificada era acessada, e depara-se de fato até os dias de hoje, na base do cruzeiro que fica à altura dos olhos, com carrancas em torno do seu bulbo, composto, no caso, de três faixas.

Os grotescos são exibidos na faixa do meio, em formato de faces humanas que contornam toda a base do cruzeiro. São figuras planares, ou seja, levemente tratadas volumetricamente, cujas terminações lembram cocares ou simplesmente concheados. São ladeados por ananases, cajus, jacas, o que coloca a iconografia deste cruzeiro realizando um registro que combina elementos de vínculo asiático, tanto os grotescos como a jaca⁵, com elementos existentes e próprios daquele novo continente, no caso dos ananases e cajus [Figura 1].

Cenas escultóricas montadas com valor teatral também são encontradas em outro adro de grande beleza cênica, situado no convento de João Pessoa, na Paraíba, hoje, um centro cultural. Este adro também tem traços arquitetônicos pouco usuais pois é fechado nas laterais, forçando o efeito perspectivo da sua fachada. Esta, abrigada neste cone, exhibe nas terminações, dois leões ou cachorros que, pelos traços iconográficos, recordam os Shishi. Estes, no geral, se apresentam em pares montando guarda na entrada de templos chineses, talvez reportados nesta fachada devido aos franciscanos terem estado em missão na China⁶.

Mostrando a força e a temeridade dos animais, seus dentes são expostos com caninos pronunciados, as sobrelanceiras cerradas, as ventas com narinas abertas e as jubas frisadas. Ladeando o adro, encontramos os tradicionais azulejos portugueses revestindo as paredes laterais, que por sua vez, se abrem em seis nichos, como pequenas capelas parietais, onde se narram cenas da paixão de Cristo. Neste caso, observamos efeitos das trocas culturais típicas do momento expansionista europeu, que pousam na fachada do edifício em harmonia com os elementos tradicionais daquele continente [Figura 2].

Se migramos agora para o estado de Alagoas, a fachada do convento de Penedo, à beira do rio São Francisco, acolhe figuras de feições indígenas, ao alto, fechando o seu frontão, bem como, internamente, na portaria conventual. Na fachada, coabitam com outros elementos de decoração, em especial com os volteios trazidos pelo barroco. No caso das esculturas da portaria, elas se posicionam no papel dos atlantes e das cariátides, que, como se sabe, na arquitetura grega, eram figuras humanas representadas em pontos onde havia uma descarga de força, como no caso dos apoios de vigas e telhados.

⁵ Cultivada milenarmente, desde a chamada pré-história o nome Jaca vem de Chakka, como é chamada na Índia e na Malásia. Da Ásia, ela foi para a costa leste da África e de lá se espalhou para os trópicos, chegando ao Brasil. Cf.: BASSO, Adriano Martinez; MOURA, Maria de Fátima Vitória. **Jaca, um estudo da sua química e uma resenha da sua história**. Natal: Editora IFRN, 2017, p. 17-19.

⁶ Para saber mais sobre as edificações do centro histórico de João Pessoa, acesse: <https://arquitetandorotas.wordpress.com/2014/09/30/as-edificacoes-do-centro-historico-de-joo-pessoa/> Acesso em: 09 fev. 2003



Figura 1:
 Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, **Imagens do adro do Convento Franciscano de Paraguaçu, Bahia**, 2016.
 Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.



Figura 2:
 Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem; ALVES, **Imagens do adro do Convento Franciscano de João Pessoa, Paraíba; os seis nichos presentes no adro conventual**, 2013; 2017.
 Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

Segundo ainda a mitologia grega, o Atlas seria o deus que suporta o céu e a terra em seus ombros, daí provindo o nome Atlantes para os apoios de forma masculina. No caso de Penedo, oferecem este apoio de forma atenuada pois sobre eles chegam apenas partes em relevo de um retábulo situado na parede oposta ao acesso à portaria conventual. Assim, temos uma incorporação de traços de rostos locais, harmonizados com elementos religiosos tradicionais [Figura 3].

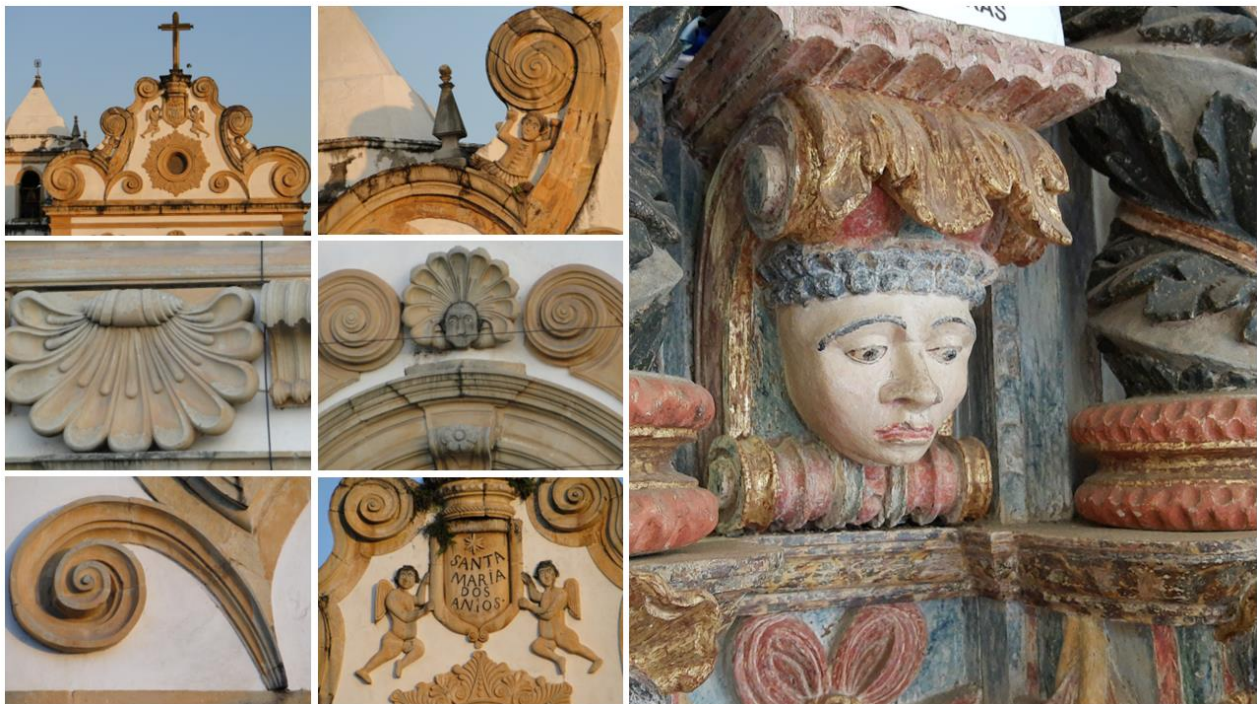


Figura 3:

Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, **Fachada do Convento de Penedo, Alagoas e imagens de atlante indígena**. Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

Haverá assim, com certa frequência, no interior e na decoração de algumas igrejas conventuais franciscanas, espaço para pinturas de figuras humanas e elementos decorativos outros para além daqueles estritamente europeus, como também a presença de representações da fauna e flora local ou não.

Se adentrarmos no convento de Igarassu, por exemplo, no espaço da igreja, podem ser observadas discretas manifestações de uma outra forma decorativa estrangeira: as denominadas *chinoiserias*. De fato, elas não são uma novidade do Brasil já que se encontram exemplares em Portugal na mesma época do caso conventual, mostrando a circularidade desta manifestação que depois se universaliza em especial no século XVIII. Afirma Ferreira:

O gosto pela aplicação da temática de motivos decorativos chineses pintados em mobiliário ou peças de talha dourada foi um fenómeno que se desenvolveu com mais força no nosso país, sensivelmente, a partir do final do século XVII e teve o seu apogeu nos anos 30 e 40 da centúria seguinte. Neste ensaio não pretendemos efectuar uma análise detalhada do conceito de *chinoiserie*, temática complexa, a qual legamos aos inúmeros especialistas nesta área, sendo que alguns são portugueses, mas tão-somente reconhecer a interacção desta forma de arte com a arte do mobiliário sacro e com a talha dourada⁷.

Esta influência chinesa que se expande pela troca de objetos de valor estético orientais e depois por imitações dos mesmos, foi identificada na base do púlpito da igreja conventual. Vemos a presença forte do vermelho e do dourado e o traço fino que expressa elementos figurativos tais como pessoas, plantas, sol e até mesmo edificações. A *chinoiserie* é um bom exemplo de trocas culturais que colocam em xeque a “identidade” de uma determinada cultura, já que se dissolve em uma série de trocas e influências.

While the mechanics of the design circulation of specific types of objects is the subject of a vast literature, and readers concerned with the origins and alterations of any particular type of *chinoiserie* are encouraged to seek out specialist literature on specific subjects, a few broad characteristics can be noted. First, the design process of *chinoiserie* was never a one-way street in which “real” Chinese emblems, images, and materials compelled ignorant and passive foreign designers and consumers to produce “fake” versions of Chinese art. Chinese producers were as influenced by foreign tastes and styles as foreign producers were influenced by the Chinese wares they received. (...) Second, the design sources and referents of *chinoiserie* were not always primarily related to China, understood as either an actual place or an idea. Indeed, in a variety of instances, *chinoiserie* was used in local contexts to comment on local ideas and issues, or to refer to other foreign locales⁸.

Cabe lembrar que no caso de Igarassu, este elemento se apresenta no espaço mais importante do convento, que é a igreja, mas apenas compondo a decoração de uma parte do púlpito de maneira muito discreta e só acessada por um olhar mais detido. O espaço mais significativo e amplo para a apresentação de pinturas, ou seja, o teto, volta-se aos temas sacros. Destaca-se também nesta igreja, as paredes revestidas em silhares de azulejo, confirmando a presença maciça de elementos advindos da cultura portuguesa [Figura 4].

⁷ FERREIRA, Sílvia. Reflexos em Vermelho e Ouro: *chinoiserie* e talha ou a construção de um modelo de renovação artística”. In: **Património Cultural Chinês em Portugal**. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2015, p. 119.

⁸ SLOBODA, Stacey. *Chinoiserie: A Global Style*. In: FUJIT, Haruhiko (org). **Encyclopedia of Asian design**. Londres: Editora Bloomsbury Visual Arts, 2019, p. 144.



Figura 4: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, **Fachada e detalhes da nave e púlpito do Convento de Igarassu, Pernambuco.** Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

Um outro caso de pintura que será apresentado ocorre no teto da sacristia do convento de Olinda, onde se aprecia um verdadeiro banquete. O forro em caixote exhibe separações em madeira talhada, conformando como que canteiros de um verdadeiro jardim suspenso composto por flores e frutos distribuídos em losangos e octógonos que se entrecruzam com pinturas reportando trechos da vida de Maria e da fraternidade.

Destaca-se a forte presença das frutas tropicais, distanciando-se de uma fidelidade completa ao vocabulário iconográfico europeu. Embora tenhamos a presença veemente das uvas, rosas e jasmims, por exemplo, elas são combinadas com melancias trazidas da África, onde eram cultivadas há mais de cinco mil anos e introduzidas no Brasil junto com a cana de açúcar, no Nordeste no século XVI⁹. Às melancias juntam-se bananas e cajus brasileiros. Alguns pássaros se alimentam delas. Os arranjos são distribuídos ao modo do gênero de natureza morta, muito comum à época, já apontando para algum sentido de exotismo.

A expressão realista destes elementos de flora e fauna talvez não permita descartar totalmente o viés metafórico deste teto. Basta lembrar que será um franciscano, frei António

⁹ LIMA, Mirtes Freitas. **A cultura da melancia.** Brasília: EMBRAPA, 2014, p. 59.

do Rosário, que escreverá uma obra onde monta conexões entre frutas e virtudes. Dentre elas, fala do caju como a que melhor expressa os frades, pois castanha e fruto estão sempre juntos, em pares e em concórdia, como os seguidores de Francisco deveriam andar¹⁰ [Figura 5].

Outro caso bastante recorrente, mas que inclusive extrapola o universo franciscano, são os anjos morenos. Muito reconhecidos no trabalho de frei Jesuíno do Monte Carmelo, a partir das pesquisas de Mário de Andrade, no caso, vinculado à ordem mendicante do Carmo, também, temos em tetos franciscanos, anjos distantes das feições puramente europeias. É o caso dos que surgem no teto do convento de Marechal Deodoro, hoje museu, onde voam anjos de pele morena e cabelos encaracolados [Figura 6].

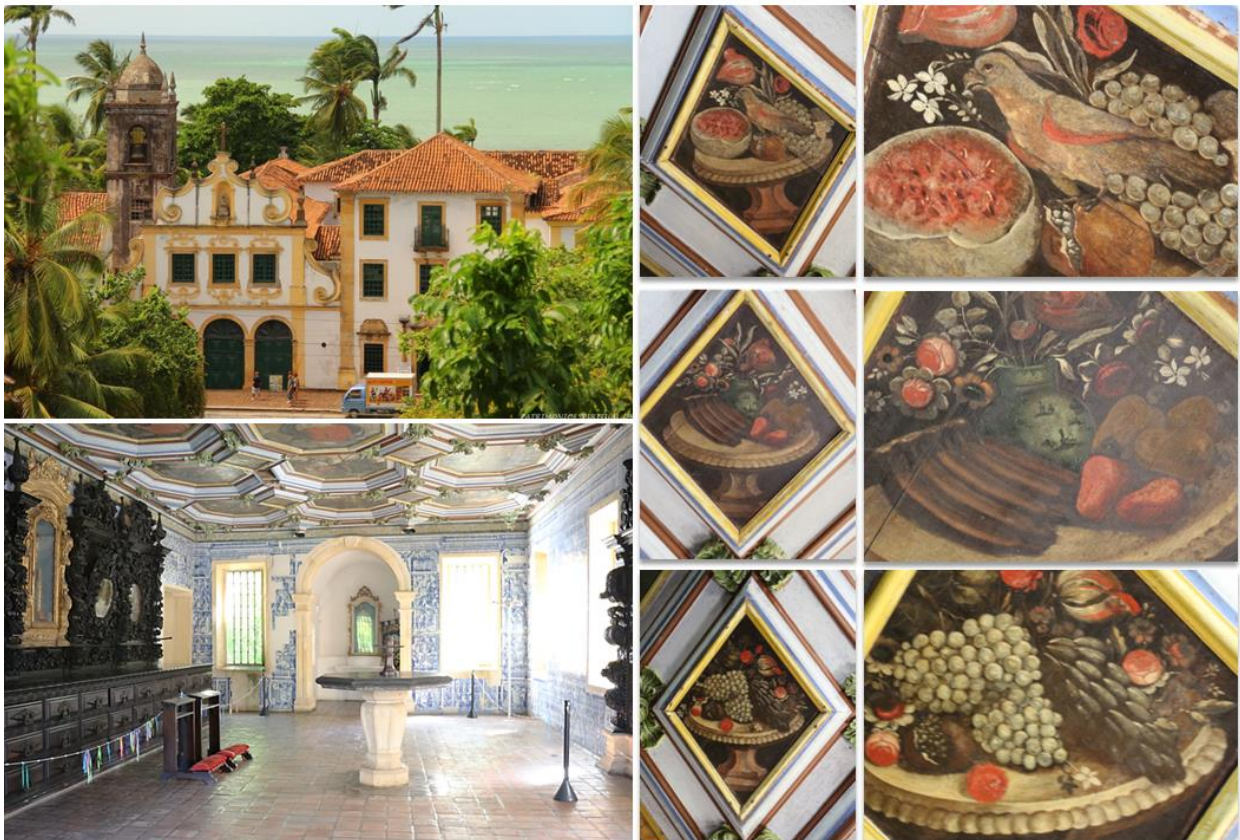


Figura 5:

Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, **Convento franciscano de Olinda, Pernambuco e detalhes do forro da sacristia**, 2014. Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

¹⁰ ROSÁRIO, António do. **Frutas do Brasil**: numa nova, e ascética Monarchia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário. Lisboa: Officina de António Pedroso Galram, 1702, p. 111.



Figura 6: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, **Fachada e imagens do teto do Convento Franciscano de Marechal Deodoro, Alagoas**, 2013. Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

Não são apenas os detalhes da arquitetura que revelam estas misturas. As próprias devoções franciscanas também trafegam neste sentido. É o caso do santo negro Benedito, o primeiro a ser canonizado oficialmente segundo os trâmites do Concílio de Trento. Nascido na região da Sicília, outrora ocupada pelos espanhóis, foi uma das maiores devoções negras do Brasil colonial ao lado de Nossa Senhora do Rosário. Embora a canonização tenha ocorrido apenas em 24 de maio de 1807, sua devoção se espalhou pelas colônias ibéricas nas Américas séculos antes.

A promoção devocional deste santo no Brasil foi responsabilidade exclusiva dos franciscanos e incentivada amplamente nos conventos por eles construídos. Havia praticamente em cada cenóbio um lugar reservado ao santo preto e aos seus devotos, geralmente homens e mulheres escravizados. A inserção social destas camadas das populações em conventos franciscanos, abria espaço inclusive para a arte e cultura destes “subjugados”. Nestes espaços, por exemplo, ocorrerão pinturas de teto, talhas de retábulos, obras de cantaria realizadas por artistas pretos e pardos. E nascerá em torno à devoção ao santo preto uma das festas coloniais populares mais conhecidas no Brasil: as Congadas de São Benedito.

Em relação à sua representação iconográfica, enquanto na Espanha e Portugal prevaleceram as imagens em que o frade aparece com os atributos das flores ou do coração em chamas, em alusão a doação da vida e o amor aos pobres, no Brasil pós Concílio de Trento prevaleceu o modelo iconográfico italiano que a apresenta o santo com o menino Jesus nos braços, em uma clara relação com Santo Antônio, também franciscano e que tem o menino ao colo como um de seus atributos. O fato de o preto segurar em seus braços um menino branco, sem, contudo, tocá-lo diretamente com as mãos, diferente do santo lisboeta, é citado por alguns autores como uma “proximidade” ou “relação” dos escravizados negros com homens e mulheres brancas¹¹.

Sendo assim, os conventos franciscanos abriram, lugar para a presença de pretos e pardos, em seus altares e em suas esculturas, inclusive antes da sua canonização, alguns autores afirmam que estes espaços eram meramente estratégicos, como política de manutenção do poder dos colonizadores. Contudo, uma leitura que queremos apontar é a de, mesmo mantendo as estruturas, as comunidades negras e pardas, foram construindo seu legado e sua história dentro das possibilidades daquilo que lhes era permitido pelos próprios franciscanos.

¹¹ OLIVEIRA, Joyce Farias de. *Niger, sed formosus*: a construção da imagem de São Benedito. 2017. Dissertação de mestrado (História da Arte). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017, p. 219-221.

Através da presença recorrente das imagens e menções ao santo, vê-se como a sua devoção foi forte e espraiada por todas as regiões do Brasil. Assim, na maior parte dos conventos franciscanos, encontraremos a imagem do santo preto em oratórios na galilé, em capelas ou pequenos altares situados no acesso à igreja ou em outras partes do convento. Sua figura surge na azulejaria, bem como em pinturas. Pode-se inferir que esta presença imagética corrobora a ideia de que irmandades como as de São Benedito, foram, devagar, mas constantemente, ampliando espaços, adquirindo autonomia e gerindo as possibilidades de se fazer presente não só dentro dos conventos, mas na vida social coletiva.

Assim, no século XIX, em um contexto nacional liberal, eugenista e sanitarista, quando estão conseqüentemente, em plena decadência os conventos das ordens religiosas no Brasil, alguns daqueles que restaram foram mantidos por grupos negros como em Santos, São Sebastião, Itu e São Paulo. No caso do convento de São Paulo, ocorreu a possibilidade do santo ascender ao altar principal em pleno século XIX. A presença desafiadora da irmandade de São Benedito assumindo a edificação e a polêmica da sua retomada pelos frades pode ser entendido como um episódio ímpar na história da presença negra em conventos franciscanos¹² [Figura 7].



Figura 7:
Autor desconhecido, **Altar de Santo Antônio com São Benedito abaixo**, 1960.
Fotografia, Arquivo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, São Paulo.

¹² Este episódio é meticulosamente tratado em: LUZ, Alvaci Mendes da. **Um preto no altar: resistência e protagonismo em um território de disputas**. Petrópolis: Vozes, 2022.

Fazendo um balanço desta trajetória, vemos como elementos pictóricos e escultóricos - por vezes fruto da própria globalização ocorrida com as viagens ultramarinas ou de cunho muito particular, situado em exemplares bem específicos - expressam diversidades culturais. Elas ocorrem envolvendo também o meio onde os conventos surgem, e neste caso podemos retomar a questão da abertura da ordem franciscana para a diversidade cultural e ecológica.

Há poucas décadas atrás, Félix Guattari dissertava sobre ecosofia, apontando para outras ecologias possíveis como as que se presentificavam no âmbito social e mental, todas elas tinham o compromisso de atentarem para a crise ambiental. Correndo-se um risco de cometer um anacronismo, podemos observar nos conventos esta ecosofia, já que as habitações não se apartavam da natureza por motivos sociais e associados às práticas religiosas do intimismo e da introspecção. Assim chegamos na última parte do edifício conventual que, como o adro, permanece muitas vezes ignorada. Trata-se da cerca conventual, onde se expande o lugar da natureza, responsável pela sustentabilidade da casa do frade. Ali correm os cursos d'água, se encontra a horta e o pomar, o lugar de recolher a lenha e cuidar dos animais. Mas também dali podem sair recursos para o povoado: água potável e comida¹³ [Figura 8].

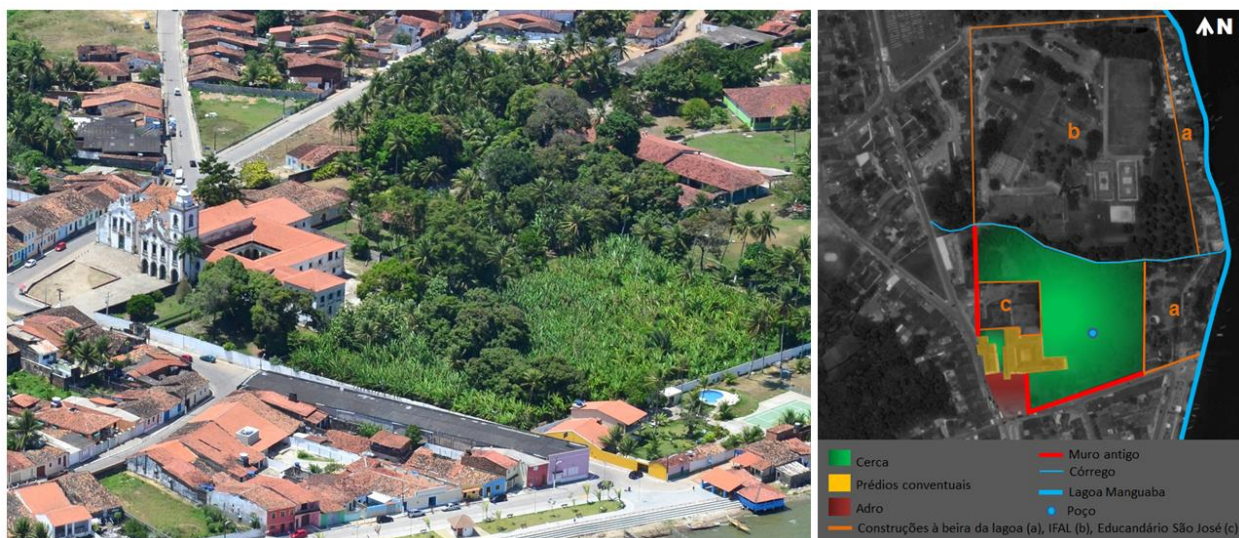


Figura 8:

ALVES, Náide. **Limites da cerca antiga e atual do Convento franciscano de Marechal Deodoro, Alagoas, com áreas perdidas marcadas com A, B e C**, 2017.

Fotografia, Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Maceió.

¹³ALVES, Náide. **Patrimônio invisível: as cercas dos conventos franciscanos do nordeste brasileiro**. 2017. Dissertação de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

Fechando esta análise, temos no convento uma variedade de movimentos que apontam para o pluriétnico e o ecocrítico, quando se lê estas obras na perspectiva do presente. O que se apresentou aqui é o resultado de uma pesquisa de cerca de duas décadas que não cessa de encontrar novos aspectos de investigação a partir do que é oferecido pelas casas conventuais franciscanas.

Baseia-se desta forma, em visitas de campo e análises continuadas sobre estes conventos históricos no Brasil, contemplando obras de arquitetos, escultores e pintores responsáveis por uma polifonia visual que abraça ícones e sinais multiculturais os mais diversos, como tentamos mostrar. Embora a maior parte dos artistas prossiga em anonimato, as próprias obras declaram, na sua fatura, o valor de suas produções.

Se não se abre, no que tange à temática deste artigo, um cenário inundado de luzes e certezas, se rastreia os detalhes das construções conventuais e seus espaços menos alcançados pelas práticas patrimoniais como o adro e a cerca. Buscou-se acompanhar pequenos sinais em pinturas e esculturas, como o da luz dos pirilampos adjetivada como “gemida” por Didi-Huberman, que não ofusca ou homogeneíza os ambientes, mas é ciosa dos campos cegos e do que, discretamente, existe.

Referências bibliográficas

ALVES, Náide. **Patrimônio invisível: as cercas dos conventos franciscanos do nordeste brasileiro**. 2017. Dissertação de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

BASSO, Adriano Martinez; MOURA, Maria de Fátima Vitória. **Jaca, um estudo da sua química e uma resenha da sua história**. Natal: Editora IFRN, 2017.

COSTA, Rafael Ferreira. **A sacristia do convento de São Francisco de Olinda**. 2017. Dissertação de Mestrado (História da Arte Portuguesa) - Universidade do Porto, Porto, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FERREIRA, Sílvia. Reflexos em Vermelho e Ouro: chinoiserie e talha ou a construção de um modelo de renovação artística”. In: **Patrimônio Cultural Chinês em Portugal**. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2015.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.

LABRANAGA, Tomas. Las Constituciones Narbonenses y su incidencia en la historia y em la vida franciscanas. In: **Verdad y vida**. Madrid: Conferencia Hispano-Portuguesa de Ministros Provinciales, OFM, 1974.

LIMA, Mirtes Freitas. **A cultura da melancia**. Brasília: EMBRAPA, 2014.

LUZ, Alvaci Mendes da. **Um preto no altar**: resistência e protagonismo em um território de disputas. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

OLIVEIRA, Joyce Farias de. **Niger, sed formosus**: a construção da imagem de São Benedito. 2017. Dissertação de mestrado (História da Arte). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

ROSÁRIO, António do. **Frutas do Brasil**: numa nova, e ascética Monarchia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário. Lisboa: Officina de António Pedroso Galram, 1702.

SILVA, Maria Angélica da. Como conventos desenham cidades: de Portugal ao Brasil, percursos da casa franciscana. Revista Oculum. Campinas: PUC, mai./ago. 2017, p. 403-421.

SILVA, Maria Angélica da. “*In via*”: Francisco, os franciscanos e seus lugares no mundo. **Antíteses**, Londrina, v.13, n. 24, ago./dez. 2019, p. 797-817.

SLOBODA, Stacey. Chinoiserie: A Global Style. In: FUJIT, Haruhiko (org). **Encyclopedia of Asian design**. Londres: Editora Bloomsbury Visual Arts, 2019.